

# 50 CRÔNICAS CANINAS

Paulo Mohylovski

## INTRODUÇÃO

...olhando o registro das minhas atividades, percebi que minhas histórias caninas começaram no dia 27 de julho, dia que encontrei o Leleco vagando como um fantasma pela Roberto Marinho. Nunca imaginei que ao encontrar um cão estropiado era a mim mesmo, como pessoa e escritor, que eu estava encontrando. Registrar cada momento dele foi uma abertura para um caminho desconhecido. Perdi o pudor de não escrever como um intelectual e sim de ser simples como um cão. Infelizmente excluí

algumas coisas da sua vida, inclusive o texto que escrevi para o céu canino. Achei que desse para recuperar depois. Enfim, senti muitas saudades do meu Leleco, mas imensamente agradecido por ele ter mexido com minha sensibilidade e mostrar que a fragilidade é também uma forma de força. (Ah, sem se esquecer dos meus amigos que começaram a curtir minhas histórias, se não fosse por este estímulo eu não teria continuado).

...o olhar de um cronista é sempre de garimpar o que há de belo, ou de melancólico, ou de engraçado, no cotidiano. Estava esperando o farol abrir quando uma mãe com um casal de filhos pequenos se aproximou. A menina, olhando os cães, exclamou: "Os dois são tão bonitos!...". E eu, engraçadinho: "Os três, né?". Ela olhou para os dois: "Os três?!". E eu: " Você não me achou bonito?". Ela deu um sorriso meio envergonhado e meio pensando que este tio deve ser doido. Ela se agarrou na mãe e a mãe, o que?, e eu repeti o que eu disse. A mãe riu. Depois a menina ficou olhando para os cães: "Qual é a raça desse?" Eu falei que era uma Lulu da Pomerânia. Ela achou engraçado o nome. Depois perguntou do outro. "É uma border collie". Repeti "border" umas três vezes até ela entender e acrescentei: "É o cachorro mais inteligente do mundo."

Fascinada, a menina disse para a mãe: "Olha, esse é o cachorro mais inteligente do mundo..." E a mãe: "Então manda ele lá em casa pra te ensinar matemática e física!". A menina fez uma cara de choro e disse que era boa em ciências. Fiquei com vontade de dizer, que a especialidade do cachorro era au-augébra e latim...do!... mas deixei pra lá; elas iam achar que este tio é meio louco mesmo!...

...o olhar de um cronista é sempre de garimpar o que há de belo, ou de melancólico, ou de engraçado, no cotidiano. Estava esperando o farol abrir quando uma mãe com um casal de filhos pequenos se aproximou. A menina, olhando os cães, exclamou: "Os dois são tão bonitos!...". E eu, engraçadinho: "Os três, né?". Ela olhou para os dois: "Os três?!". E eu: " Você não me achou bonito?". Ela deu um sorriso meio envergonhado e meio pensando que este tio deve ser doido. Ela se agarrou na mãe e a mãe, o que?, e eu repeti o que eu disse. A mãe riu. Depois a menina ficou olhando para os cães: "Qual é a raça desse?" Eu falei que era uma Lulu da Pomerânia. Ela achou engraçado o nome. Depois perguntou do outro. "É uma border collie". Repeti "border" umas três vezes até ela entender e acrescentei: "É o cachorro mais inteligente do mundo." Fascinada, a menina disse para a mãe: "Olha, esse é o cachorro mais

inteligente do mundo..." E a mãe: "Então manda ele lá em casa pra te ensinar matemática e física!". A menina fez uma cara de choro e disse que era boa em ciências. Fiquei com vontade de dizer, que a especialidade do cachorro era au-augébra e latim...do!... mas deixei pra lá; elas iam achar que este tio é meio louco mesmo!...

...todos os cães que posso levar no bosque, eu levo. E gosto de vê-los todos juntos, numa grande festa canina. Depois vou levando um a um para a suas casas. Ontem estava com um deles, quando vejo uma cachorrinha marrom, pequena, andando assustada, perdida. Não tive muito o que fazer porque ela saiu correndo. Levei o cão e voltei para o bosque. No meio do caminho, uma mulher em lágrimas me perguntou se eu tinha visto a cachorrinha e eu disse que sim. Ela me deu o endereço dela e saiu desesperada atrás da cachorra. Em seguida, vejo a dona Mercedes com a netinha, a Júlia. Estavam também em lágrimas. A cachorrinha era delas. A mulher do carro era a filha da Dona Mercedes. Fiquei comovido pela abundância de lágrimas e se soubesse não teria perdido a cachorrinha de vista, mas o Marcos que tinha visto, pegou minha bike e foi atrás dela, pois a cachorrinha, que agora eu sabia que se chamava Cacau, estava no meio do canteiro de obras das Espriadas. Marcos voltou alguns minutos depois, todo ralado, joelho esfolado, calça rasgada. Tinha tomado um tombo correndo atrás da Cacau. Fui levar

outro cachorro pra casa e dei de cara com a mulher do carro. Conteí da Cacau e ela deu um grito bovino e começou a chorar. Meu Deus! Estava dando tudo errado, mas quando eu volto, Marcos estava com a cachorrinha no colo. Nossa, foi uma festa, uma alegria geral. A dona Mercedes quando viu, chorou mais ainda, abraçou todo mundo e deu uma caixa de chocolates pro Marcos. Cacau...chocolate...tudo a ver, né?....

...como a noite chuvosa é bela, quando não há goteiras em casa...de vez em quando subo no telhado para limpar a calha...minha mãe e eu puxando aquela triste escada...um dia vou me esborrachar de lá...do jeito que sou desajeitado...(meu irmão me chama de mister Bean, pr'ocevê!)...mas ficar em cima de um telhado, feito um pombo, jogando folha morta no chão... e ainda fico pensando no senhor que vinha em casa fazer a manutenção do telhado. Ele era primo do Mazaroppi e minha mãe queria escrever pro [Luciano Huck](#) pra contar a história dele e o pobre morreu antes de minha mãe escrever...pior, morreu caindo do telhado - graças a Deus que não foi do meu - senão, eu não ia subir lá nem a tiro. Bem, mas o telhado sem goteira, ouvindo os geniais compositores russos - é tão aconchegante - com os cães e a chuva lá fora...isto me lembra uma história de um mestre zen que eu não sei onde ouvi ou li...Um homem foi se queixar da vida para o Mestre zen. O homem era um queixoso por natureza e deve ter torrado o saco do mestre, porque ele foi enfático no seu único conselho: